

## O casamento por amor de Lizzy Bennet: a heroína que se opôs à ideologia dominante

### RESUMO

Dentro da perspectiva histórica e literária inglesa do final do século XVIII e início do século XIX, este trabalho tem como objetivo analisar a importância das uniões conjugais, especificamente, destacando o papel feminino na contextualizada sociedade inglesa daquela época. O corpus selecionado para a pesquisa foi o livro escrito por Jane Austen, publicado em 1813, *Orgulho e Preconceito*, que traz na trama quatro casamentos bem sucedidos, tanto amorosamente quanto convenientemente. Por meio do referencial teórico e análise da obra, buscou-se evidenciar como, em uma sociedade de opiniões formadas relacionadas à constituição familiar, a conquista de um bom casamento, para a mulher, naquela época e naquele contexto era importante. Significava ser invejada por qualquer outra, pois casamento expressava segurança financeira, ascensão social e garantia da boa moral e conduta, além de evitar ser escandalizada pela própria sociedade caso não arranjasse um marido. Porém, no romance, observando os sinais da protagonista Elizabeth Bennet, a autora mostra que nem toda mulher seguia as tradições impostas pela sociedade. Elizabeth Bennet era uma mulher a frente de seu tempo, bem como Jane Austen que revela no seu escrito uma orquestra de olhares, perspectivas e frustrações não muito diferentes do que encontramos hoje no século XX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Casamento. Literatura Inglesa. Crítica Feminista. Jane Austen. Orgulho e Preconceito.

**Magda Solange da Silva**  
[magdasolange@hotmail.com](mailto:magdasolange@hotmail.com)  
Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná, Curitiba, Brasil.

## INTRODUÇÃO

Nas três últimas décadas do século XVIII, surgem na Europa as tendências estéticas e visões de mundo românticas que, segundo Zappone e Wielewicki (2005, p. 25), além de influir sobre a arte, a filosofia e a história, influenciaram também os textos literários, os textos de caráter imaginativo ou criativo. Neste período surge também o romance como gênero literário no Reino Unido. O contexto histórico e as mudanças sociais da época foram fundamentais para o processo de desenvolvimento da literatura.

Considerada a primeira romancista da literatura inglesa e pioneira no tratar dos problemas, das questões, das alegrias e tristezas das mulheres de seu tempo, a autora de *Orgulho e Preconceito*, Jane Austen, manifesta seu talento para a escrita ainda muito jovem e até hoje é um dos nomes de maior prestígio da Literatura Inglesa. Faz de seu romance uma das obras mais bem-sucedidas de sua época, em um enredo que descreve, com notável inteligência e sutil ironia, a sociedade rural inglesa de seu tempo, por meio do entrelaçamento de personagens e sentimentos da vida comum. Sendo assim, na contemporaneidade justifica-se a atenção dada a sua obra, no segundo centenário de sua publicação, por marcar a presença feminina na produção literária e por desenvolver temas em uma narrativa que retrata sua época de forma crítica.

Jane Austen nasceu na Inglaterra em 16 de dezembro de 1775, no período em que o país era composto por pequenas cidades e pequenos vilarejos típicos do final do século e, sem grandes conflitos, a vida que se levava era tranquila. Austen nasceu numa família grande, teve sete irmãos e a atividade principal do pai era a carreira eclesiástica. Dois de seus irmãos eram militares e sua única irmã, Cassandra, era além de amiga, sua confidente. Apresentou seu talento pelas letras ainda muito jovem. Escreveu seis romances que até hoje representam a literatura inglesa com grande proeminência: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *A Abadia de Northanger* (1817) e *Persuasão* (1817). Jane Austen nunca se casou e morreu muito jovem, aos quarenta e um anos, de uma doença, naquele tempo, desconhecida.

Não há como não contextualizar a época em que o romance de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*, foi escrito, para então situar-nos nas relações humanas familiares e conjugais que a autora apresenta em sua obra com maestria, ousadia e propriedade. O livro, publicado pela primeira vez em 1813, tem como tema central o envolvimento e o relacionamento amoroso de Elizabeth Bennet com o Sr. Darcy. A história se desenrola na Inglaterra no ano de 1797, final do século XVIII, em uma região rural do país perto de Londres, numa época em que a posição da mulher era de total dependência social e preparada apenas para ser esposa e submissa ao marido. Ao redor do casal protagonista há, no transcorrer da narrativa, outras situações em que o foco, para a mulher, é o casamento e a constituição da família, sempre na intenção de se obter estabilidade financeira, boa moral e boa conduta, e ser bem vista pela sociedade. Afinal, assegura Lázaro (1996, p. 175), esse era o modelo de família idealizado pela burguesia, classe com maior poder econômico, político e social da época.

Nessa sociedade onde prevalecia a educação moral e o que mais importava era ser bem vista pela comunidade onde vivia, a mulher tinha como ideal demonstrar talentos domésticos, artesanais, musicais ou artísticos, além da habilidade de leitura. Estes talentos tinham como único propósito arranjar um marido que apresentasse condições financeiras suficientes para sustentá-la e dar-

lhe a posição de uma mulher casada, assumindo assim, o sobrenome do marido e intitulado-se Senhora.

Entretanto, para Elizabeth Bennet, protagonista do romance de Austen, essa visão feminina, bem como o comportamento das mulheres da época, contrapõe-se às suas concepções, principalmente os valores relacionados ao casamento. Lizzy, como era chamada, tinha uma postura diferenciada para o matrimônio, pois não aceitava de forma alguma unir-se com alguém se não despertasse nela o verdadeiro amor. Sendo assim, essa atitude da personagem vinha contra todos os princípios da sociedade feminina da época, pois no século XIX, os casamentos eram arranjados pelas famílias e aconteciam por conveniência e não pela escolha do casal, conforme afirma Perrot (1991, p. 137): “O casamento é uma negociação, conduzida pelos parentes (as tias casamenteiras), pelos amigos, pelos próximos (o padre), e todos os seus fatores devem ser avaliados”.

Por esse viés, fundamentando-se na obra de Jane Austen, esta pesquisa busca responder: a literatura é capaz de evidenciar uma visão atual da mulher, em relação ao casamento, já naquela época? E como essa visão é demonstrada sob o prisma da protagonista? O leitor atual, ao entrar em contato com essa obra de ficção do século XIX, atualiza os conflitos vivenciados pela personagem e assim a literatura cumpre sua função *humanizadora*?

Para estudar tais questões, este trabalho tem como objetivo analisar os valores e padrões da família do século XIX, especificamente o papel feminino. Pretende-se evidenciar o olhar da personagem Elizabeth Bennet sobre esse mundo e discutir questões que a colocam além do seu tempo. Além disso, o trabalho pretende discutir a função *humanizadora* da literatura, por meio dos impactos que a obra *Orgulho e Preconceito* podem causar no leitor da contemporaneidade.

Dessa forma, este trabalho é relevante, pois pode contribuir com os estudos na área da Literatura Inglesa, já que, tratando-se de Jane Austen, a autora apresenta destaque e grande importância para o seu gênero, bem como, pode contribuir, também, pelo reconhecimento de que o romance cumpre a função *humanizadora* da literatura, isto é, por meio da ficção o leitor é capaz de vivenciar as questões da formação humana. De acordo com Candido (1972):

[...] a obra literária significa um tipo de elaboração das sugestões da personalidade e do mundo que possui autonomia de significado; mas que esta autonomia não a desliga das suas fontes de inspiração do real, nem anula a sua capacidade de atuar sobre ele (CANDIDO, 1972, p. 806).

Sendo assim, estudar Jane Austen e sua obra *Orgulho e Preconceito*, pode proporcionar ao leitor a visão de mundo, as particularidades e tradições da sociedade rural inglesa do século XIX, especificamente o universo feminino e suas implicações no meio social.

## 1. MULHER, ESCRAVA DE TRADIÇÕES?

Esta seção tem como objetivo descrever e delimitar, de acordo com os estudiosos da área, as concepções sobre a condição da mulher no meio social.

Para isso, é necessário realizar uma contextualização histórica, enfocando o papel da mulher. Apresentar uma revisão bibliográfica sobre a crítica feminista e a estética da recepção, teorias importantes para analisar a obra *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen.

### 1.1 O que acontecia na Inglaterra, enquanto Jane Austen escrevia *Orgulho e Preconceito*?

O século XIX foi uma época de grandes realizações para a Inglaterra, devido ao progresso nas mais diversas áreas. Uma nação de economia agrícola com uma grande manufatura de lã transformou-se em uma nação industrial baseada na engenharia de minas de carvão, empresas siderúrgicas e fábricas. Essa transformação da economia causou muito sofrimento para a classe operária, mas, por outro lado, tornou a Inglaterra a maior exportadora de produtos, a maior fábrica do mundo. Além de exportar locomotivas, motores a vapor, têxteis e outros produtos acabados, talvez o que mais a Inglaterra exportou foi a industrialização. Do país dos ingleses, a Revolução Industrial se espalhou, levando para o mundo os benefícios materiais, bem como os problemas, da moderna civilização industrial.

O sucesso econômico da Inglaterra refletiu no aumento dos salários dos trabalhadores e também nos lucros agrícolas. Contudo, sempre havia espaço para ataques ao conformismo social, defendendo a ideia de que o homem poderia se desenvolver individualmente. Surgiram dúvidas quanto às questões religiosas e quanto ao sistema social da época, todavia os críticos nunca foram majoritários. Algumas variações na agricultura fizeram com que o rendimento dos agricultores sofresse uma queda e nesse momento houve muito mais pastos e campos do que terrenos de cereais (BRIGGS, 1994, p.239-242). Outros assuntos dominaram o andamento político e social da Inglaterra, tais como: a organização de partidos políticos, o direito do voto aos assalariados (1884), a extensão da educação escolar, funções e direitos das mulheres, entre outros.

À medida que o século avançava, independentemente da circunstância social das famílias, os valores e a moral da mulher inglesa do século XIX foram colocados em questão. Briggs (1994, p. 250), assegurando o padrão e estereótipo da mulher naquela sociedade e naquela época, “As mulheres deviam ser puras, castas antes do casamento e modestas depois deste. A sua sexualidade era negada explicitamente, e a sua dependência era garantida pelas gravidezes anuais”. No entanto, havia muitas vidas secretas, independentemente da posição social. Os homens solteiros recorriam às prostitutas, enquanto os homens casados e com dinheiro mantinham uma amante. Tais situações de moralidade dupla para homens e mulheres fizeram com que a legislação fosse alterada no final do século, em benefício da mulher. Os bordéis foram eliminados, a responsabilidade pelo consentimento sexual da mulher passou para a idade de dezesesseis anos e foram introduzidas onze novas penalidades contra o comportamento homossexual masculino.

No intuito de não perder o controle da ordem pública e econômica, a burguesia começou a se preocupar sobre os padrões da família europeia para refletir e assegurar o bom exemplo, o progresso da humanidade e a boa moral à sociedade em geral. Então, o modelo de família, bem como os papéis de homem,

mulher e filhos, começaram a ser moldados pela política burguesa. Michelle Perrot (1991, p. 94), relata o arquétipo ideal da família europeia do século XIX:

A família é a garantia da moralidade natural. Funda-se sobre o casamento monogâmico, estabelecido por acordo mútuo; as paixões são contingentes, e até perigosas; o melhor casamento é o casamento “arranjado” ao qual se sucede a afeição, e não vice-versa. A família é uma construção racional e voluntária, unida por fortes laços espirituais, por exemplo, a memória, e materiais (PERROT, 1991, p. 94).

A figura do pai e marido na família era o poder maior, era ele quem dava o seu sobrenome, evidenciando assim a relação de domínio e posse sobre seus entes. O Código Civil instituiu a autoridade e ascendência do homem enquanto marido e pai no seio familiar, determinando somente a ele as tomadas de decisões e, conseqüentemente, corroborando com a insuficiência da mulher. O marido tinha o direito de vigiar as visitas, passeios e correspondências de sua esposa. Ela, portanto, devia obediência ao marido e ele deveria desempenhar o papel de protetor. Segundo Perrot (1991, p.122), a mulher não tinha direitos de exercer funções de testemunha dentro de um tribunal, não podia colocar as mãos em seu salário (o dinheiro do casal era pago ao marido) e caso abandonasse a sua casa seria punida com o retorno ao lar pela força pública. A mulher adúltera, como consequência de seus atos ilícitos, poderia sofrer até a pena de morte, pois poderia romper com o que era sagrado na família: a filiação legítima.

O matrimônio, segundo Saint-Martin (1830 apud PERROT, 1991, p. 96), era como um ritual: a pretendida era apresentada aos seus pretendentes como uma mercadoria, uma vez que o pai deveria oferecer um dote ao conceder a mão de sua filha ao pretendente, além de se levar em conta as condições morais e sociais das duas famílias, do noivo e da noiva. A mulher não tinha escolha, o casamento por amor não era nem ao menos cogitado. Perrot (1991, p. 133) afirma que o importante era a coesão familiar na união conjugal dos dois, o que sufocaria o desejo e prevaleceriam, sem dúvida, os casamentos decididos ou arranjados.

No meio burguês, a forma de se estabelecer o casamento era por meio de cálculos, pois a aliança significava um elemento decisivo para a ascensão. No entanto, observa Perrot (1991, p. 136), para o homem que já possuía grandes recursos financeiros e uma posição social elevada, não se tinha como essencial a escolha de uma mulher com qualidades domésticas, pois os serviços domésticos poderiam ser executados por uma empregada, já que o marido seria abastado financeiramente. Sendo assim, sua preferência poderia ser por mulheres de boa educação e com uma beleza estonteante em evidência.

Conforme Lázaro (1996, p. 155), a idealização do padrão de casamento construído pela burguesia visava à união conjugal mesmo que as partes não sentissem sequer afeição um pelo outro. O fundamental era manter a boa aparência do relacionamento, acreditava-se que depois da aliança o processo da convivência seria suficiente para fazer nascer o amor entre o marido e a mulher. Prevalcia o individualismo e o casamento por amor viria apenas para causar a desordem social.

Entretanto, na segunda metade do século XIX, esse cenário começa a sofrer algumas mudanças. Aumentava cada vez mais a quantidade de pessoas que

acreditavam no matrimônio por amor em nome da felicidade e, assim, o novo ideal de família começava a ganhar espaço na sociedade europeia. O casamento por amor começa a ser almejado, especialmente pelas mulheres, pois este começava a ser o horizonte cobiçado por elas, agregado ao sonho da livre escolha do companheiro.

Jane Austen (2008, p. 66-68) nos dá este exemplo na obra literária *Orgulho e Preconceito* através da personagem Elizabeth Bennet, a qual jamais aceitaria um casamento arranjado caso não amasse o suposto pretendente. Ela não aceitou o pedido de casamento do primo da família, o clérigo Sr. Collins, por apresentar um comportamento ridicularizado e estranho, e por interessar-se apenas pela imagem que teria diante da matriarca Lady Catherine de Bourgh. Depois da recusa de Elizabeth, sua mãe, Sra. Bennet, fica inconformada com a situação e frustrantemente, tenta convencer a filha do suposto erro que estaria cometendo. Nesse contexto, inicia-se uma abordagem do conceito de casamento naquela sociedade, conforme aponta Kinoshita (2012):

[...] carrega a problemática social que é o fato de Lizzy aceitar se casar sem amor para assegurar o futuro das irmãs, ou levar em consideração seus sentimentos embora possa prejudicar a família, fardo também carregado por Charlotte Lucas (KINOSHITA, 2012, p. 116).

No romance, a Srta. Bennet ainda nega um segundo casamento, desta vez com o Sr. Darcy, sujeito arrogante e orgulhoso que teria sido o responsável por evitar o casamento de seu melhor amigo com a irmã de Elizabeth, apenas por pertencerem a classes sociais diferentes.

É possível perceber, por meio da atitude de Lizzy, que seu comportamento precursor adiantou essas questões que iriam ainda acontecer depois da metade do século XIX, pois para a sociedade daquele momento era inconcebível a recusa de pedidos de casamento por parte da mulher. A conduta precoce da personagem acarreta uma relevância para a obra literária de Jane Austen, uma vez que o romance se tornou ícone referencial dentro da Literatura Inglesa.

## 1.2 Movimento Social Feminista e Crítica Literária Feminista

Realizar estudos de obra literária escrita por uma mulher é pensar, antes de tudo, em utilizar uma crítica que possa auxiliar a compreensão da condição da mulher no meio social e seu papel enquanto escritora ou leitora do texto literário. Porém, é necessário compreender e diferenciar dois movimentos distintos, quais sejam: Crítica Feminista e Movimento Social Feminista. Nesse sentido, esta seção tem como objetivo conceituar essas duas teorias.

### 1.2.1 Movimento Social Feminista

O movimento social e político que reivindicava a igualdade e os direitos femininos – Feminismo – surgiu a partir de concepções arrojadas da Revolução Francesa e da Revolução Americana, e que posteriormente motivou mulheres de outros países da Europa, América Latina e dos Estados Unidos. Por meio das revoluções, as mulheres buscavam um lugar na sociedade enquanto cidadãs, as

reivindicações pelos direitos e igualdades sociais surgiram neste período, no século XIX, no entanto obteve o seu auge, mais tarde, no movimento sufragista.

Dessa forma, elas alcançaram algumas conquistas como, por exemplo, o divórcio. Costa (2013) relata que:

O feminismo, enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das ideias iluministas e das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos (COSTA, 2013, p. 1).

Tal movimento buscava, de forma geral e exclusiva, a igualdade entre os sexos, direitos iguais entre homens e mulheres, pois havia uma evidência da diferença dos direitos entre os gêneros. No entanto, ainda perdura até a contemporaneidade uma diferenciação nos direitos do homem comparados aos direitos da mulher, já que quase sempre houve hegemonia masculina no espaço público e hegemonia feminina no espaço doméstico.

Contudo, ainda havia o intuito, por parte do movimento, de conquistar a igualdade das condições de trabalho entre homens e mulheres e modificar a concepção cultural de que a mulher era mais frágil do que o homem. O movimento se fortalece na Revolução Industrial, no momento em que a mulher vinha assumindo uma dupla jornada de trabalho, pois além de trabalhar fora, ainda trabalhava em casa.

De acordo com Zolin (2005), o livro *O Segundo Sexo*, publicado em 1949, de Simone de Beauvoir, que trata da situação da mulher na sociedade, influenciou ainda mais o movimento feminista, agregando novas forças aos ideais de igualdade entre os sexos. Nessa linha, as feministas alegam que não pretendem distorcer os costumes das famílias tradicionais, apenas modificar a concepção que paira na sociedade de que a mulher deve ficar em casa, responsável pelos afazeres domésticos, além dos cuidados com filhos e marido, enquanto que os homens são responsáveis em prover o sustento familiar, posicionando-se assim como elemento dominador do lar.

### 1.2.2 Crítica Literária Feminista

Os estudos do texto literário acontecem, principalmente, sob o olhar de alguma crítica, isto é, para realizar a análise de uma obra literária é importante embasar-se em teorias que levam em conta diversos aspectos do texto, desde sua estrutura, às questões culturais, o universo do leitor, dentre outras. Até meados do século XX, as obras de arte literária eram vistas e analisadas pelo olhar masculino. Muitas vezes, as escritoras adotavam um estilo masculino para serem aceitas pela crítica.

Entretanto, algumas escritoras se destacavam e conseguiam publicar, como é o caso Jane Austen. Além de a autora adentrar o universo da escrita, que era restrito aos homens, ela destaca-se por trabalhar em sua obra, *Orgulho e Preconceito*, o universo feminino de forma a contestar a maneira como a mulher era tratada e o papel que exercia socialmente, naquele período histórico.

Nesse sentido, a crítica literária feminista surge após o intenso desenvolvimento do pensamento feminino, no qual a mulher buscou igualdade social e de direitos, liberdade de raciocinar, de escolher e de discernir, conforme explica Zolin (2005):

No que se refere à posição social da mulher e sua presença no universo literário, essa visão deve muito ao feminismo, que pôs a nu as circunstâncias sócio-históricas entendidas como determinantes na produção literária. Do mesmo modo que fez perceber que o estereótipo feminino negativo, largamente difundido na literatura e no cinema, constitui-se num considerável obstáculo na luta pelos direitos da mulher (ZOLIN, 2005, p.181).

A crítica literária feminista assume um caráter político que visa principalmente interferir na ordem social, almejando desconstruir o caráter de segregação por conta do gênero, mas também, observar a qualidade estética do texto.

A princípio, essa corrente literária ocupava-se do estudo de textos escritos por homens, cujas personagens eram mulheres, a fim de evidenciar comportamentos que demonstrariam um estereótipo feminino, como por exemplo, a mulher sedutora e/ou perigosa e/ou imoral, nas personagens de Lúcia (*Lucíola* (1862), de José de Alencar); Capitu (*Dom Casmurro* (1900), de Machado de Assis); Ema (*Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert); Luísa (*O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz) e também como mulher megera, no caso de Juliana (*O primo Basílio* (1878), de Eça de Queiroz). Esses dois estereótipos apresentam conotação negativa. Já a mulher anjo e/ou indefesa e/ou incapaz e/ou impotente, como Teresa (*Amor de perdição* (1862), de Camilo Castelo Branco) representa conotação positiva (ZOLIN, 2005, p.190).

Depois disso, a crítica passa a se ocupar de textos escritos pelas mulheres e busca analisar aspectos biológicos, linguísticos, psicanalíticos e político-sociais presentes nas obras. Porém, o que se pretende com a leitura de obras literárias sob a vertente feminista é demonstrar que homens e mulheres podem exercer a escrita de textos com qualidade estética, sem que isso implique na dominação de um gênero sobre o outro. Nessa linha de pensamento, de acordo com Showalter, apud Zolin (2005, p. 193) os estudos feministas do texto literário, que levam em conta o aspecto cultural, oferecem melhores condições de discorrer sobre o assunto, uma vez que observa o corpo, a linguagem e a psique da mulher, sobretudo, nas relações do contexto social no qual ela está inserida.

Este trabalho pretende, dessa forma, analisar os aspectos culturais da mulher inglesa que vivia em uma comunidade rural, do início do século XIX, cuja cultura era voltada à obediência, aos afazeres domésticos e a ser preparada para o casamento.

Na próxima seção será discutido o romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, visando compreender as atitudes da personagem Elizabeth Bennet dentro do contexto inglês do século XIX, especificamente o comportamento de uma mulher avançada para sua época.



## 2. ELIZABETH BENNET, UMA MULHER A FRENTE DE SEU TEMPO.

*O amor, sob certos aspectos, pode ser uma ameaça à ordem social, quando não dominado.*

*(LÁZARO, 1996, p. 173)*

Conforme foi apresentado neste escrito até aqui, observamos que a mulher até meados do século XIX, era educada e preparada especialmente para exercer funções domésticas, pois o objetivo maior da família era arranjar um bom casamento que garantisse estabilidade econômica e ascensão social. Além disso, eram moldadas para trabalhos artesanais e algumas delas tinham acesso às atividades eruditas, como a leitura e a música. Cenário que mostra uma sociedade não só castradora, mas controladora dos costumes e tradições femininas. A mulher não podia controlar a própria sexualidade e seus desejos, o que seria considerado transgressão e queda de sua posição de mulher honesta, por isso, havia tantas prostitutas naquela época. Não havia meio termo: ou era filha ou esposa; ou solteirona ou prostituta. Esta também era uma forma de controlar a importância do casamento e da posição de respeito da família perante o grupo. Entretanto, algumas mulheres, já nesse período, demonstravam certa recusa à imposição de tais regras sociais.

A personagem Elizabeth Bennet do romance de Austen apresenta essa característica de mulher inconformada e contestadora das normas sociais da época. Por esse viés e partindo para uma análise do texto literário, Candido (1972) afirma que a literatura não é meramente a transposição do real para o fictício, mas o texto ficcional fala algo de forma criativa sobre o real. A autora da obra retratou conflitos de classes ao questionar a figura da mulher nas relações sociais, principalmente na busca pelo casamento. Elaborou críticas à sociedade inglesa por meio de sua personagem Lizzy, que não permitia que os costumes e preconceitos trancafiassem sua liberdade.

*Orgulho e Preconceito* traz ao leitor uma trama envolvente. Ambientado em um mundo pequeno e isolado das cinco irmãs Bennet, suas vidas giram em torno de saber se vão ou não se apaixonar e casar, sobretudo casar. Mas entre elas, há uma irmã que é um pouco diferente, a heroína do livro, Elizabeth, conhecida como Lizzy. Ela é inteligente, segura, perseverante, teimosa e não se intimida diante das pessoas. Sua coragem aumenta quando alguém tenta intimidá-la.

No cenário de uma aldeia tranquila, na região rural da Inglaterra, o vilarejo nomeado Longbourne, perto de Londres, que abrigava apenas vinte e quatro famílias, recebe já no início da trama a visita do Sr. Bingley, homem jovem solteiro de grande fortuna que estaria na cidade para comprar uma casa. A chegada do Sr. Bingley foi motivo suficiente para provocar alvoroço e disputa na família Bennet, que era composta pelo casal Bennet e suas cinco filhas, todas, segundo a mãe, com idade suficiente para casar-se. A filha mais nova, Lydia, tinha apenas quinze anos.

A fixação da Sra. Bennet em casar suas filhas era incansável, assim sendo, ela vê uma grande oportunidade em arranjar o casamento de uma de suas filhas com o Sr. Bingley. Um dos motivos do seu desejo insaciável em casar as filhas era a preocupação de que elas poderiam ficar sem um lugar para morar depois da morte do Sr. Bennet, já que toda a herança, nesse caso, onde só havia filhas

mulheres, iria para o parente homem mais próximo da família, o Sr. Collins, como aponta o Sr. Bennet: “Assim que eu morrer, ele poderá expulsar todas vocês desta casa assim que ele quiser” (AUSTEN, 2008, p. 41).

No primeiro baile realizado na região depois da chegada do Sr. Bingley, a Sra. Bennet logo encontra um motivo para ser apresentada a ele junto com suas filhas, na intenção de iniciar um possível relacionamento amoroso com uma delas, o que acaba acontecendo com Jane. No desenrolar das situações, tudo leva-nos a acreditar que toda a história iria acontecer envolvendo o casal, mas o Sr. Bingley não havia chegado sozinho à cidade. Sua companhia era seu melhor amigo, Sr. Darcy, um homem que aparentava ser arrogante, prepotente e orgulhoso, porém, também solteiro e de grande fortuna. Assim, Jane Austen nos surpreende no início da trama, apresentando o casal que realmente seria o protagonista do enredo, o Sr. Darcy e a segunda filha mais velha do casal Bennet, Elizabeth Bennet.

Além da chegada do trio que pertencia à classe burguesa da sociedade, Lydia e Kitty, as filhas mais jovens da Sra. Bennet, recebem e transmitem a notícia para a mãe que o regimento de milícias comandados por soldados chegaria também a cidade, o que provocou grande euforia nas meninas, pois era uma excelente oportunidade de conhecerem, quem sabe, seus futuros maridos.

A narrativa de Jane Austen tem como foco principal a instituição do casamento e aborda os relacionamentos e a união por amor, como no caso dos casais Lizzy e Darcy e de Jane e Bingley, e também o casamento por interesses sociais e políticos, como os de Charlotte e Collins e de Lydia e Wickham. O romance nos apresenta a história desses quatro casamentos ocorridos no início do século XIX, em uma região rural da Inglaterra. Considerando todo o contexto histórico da época, principalmente o comportamento considerado ideal para a mulher, Austen presenteia o leitor, relatando com detalhes a forma que se deu cada casamento, especialmente o envolvimento do casal protagonista, Sr. Darcy e Srta. Elizabeth Bennet, permitindo que façamos reflexões sobre o que seria considerado ideal ou não para as uniões conjugais daquele tempo.

O primeiro matrimônio é de Charlotte com o clérigo Sr. Collins, um casamento que não foi planejado nem arranjado, mas um casamento que aconteceu por simples conveniência, tanto do Sr. Collins quanto de Charlotte. Collins precisava de uma esposa para acompanhá-lo nas suas funções da igreja e para apresentar-se como um homem casado diante da matriarca Lady Catherine de Bourgh. Já Charlotte, com vinte e sete anos era uma mulher de idade considerada avançada para o casamento e receava não encontrar alguém para se casar, por isso dizia estar satisfeita pelo casamento apenas pelo marido lhe oferecer um teto. Além disso, temia que no futuro fosse um estorvo para os seus pais, por isso, embora não tivesse nenhum sentimento pelo clérigo da igreja, aceitou o seu pedido de casamento.

Em síntese, o relacionamento desse casal era regrado aos padrões do meio social em que viviam, e tanto Charlotte quanto Sr. Collins apresentavam comportamentos satisfatórios em relação ao matrimônio e na convivência diária. A esposa cuidava dos afazeres domésticos, praticava atividades artesanais e acompanhava o marido na sua função religiosa.

Charlotte era a melhor amiga de Elizabeth Bennet, e no momento em que Charlotte confia a novidade com Lizzy, o olhar de Elizabeth em direção à amiga, não disfarça a decepção, pois ela presumia que essa união não traria

felicidade plena para Charlotte, pois o Sr. Collins era considerado um homem de comportamento grotesco perante a sociedade daquela região. Além disso, esse casamento seria mais um que viveria de aparências, apenas para satisfazer as imposições da sociedade, especialmente o desejo de Lady Catherine de Bourgh, pois a matriarca ofereceria uma propriedade ao Sr. Collins, e caso ele fosse solteiro, seria o suficiente para gerar escândalos naquela comunidade.

Diante do fato de que Lizzy não aprovava o casamento da amiga por interesses sociais e políticos, nota-se que a personagem demonstrava um comportamento contrário ao habitual das mulheres em geral, pois o casamento por amor jamais era, sequer, cogitado. Porém, Elizabeth Bennet mantinha uma personalidade enraizada em princípios diferenciados, como esperar por alguém que a amasse, por exemplo, para então, concretizar um matrimônio.

A segunda união acontece porque uma das irmãs de Elizabeth Bennet, Lydia, foge para se casar com um dos soldados do regimento, o que causa uma grande comoção em toda família. Depois da fuga de Lydia Bennet com o soldado Sr. Wickham, o tio de Lydia vai até Londres em busca do casal na intenção de obrigá-los a casarem-se, pois caso contrário o escândalo naquela sociedade seria inevitável, bem como a desmoralização da família. Afinal a mulher deveria guardar-se casta para o casamento, além disso, as irmãs de Lydia ficariam “manchadas para o matrimônio” (KINOSHITA, 2012, p. 129).

O casamento de Lydia só acontece porque o Sr. Darcy, secretamente, oferece dinheiro ao Sr. Wickham como dote pela mão de Lydia. Isto foi muito conveniente ao Sr. Wickham, pois se tratava de um homem de poucas posses, porém com interesses financeiros na união com Lydia, apesar da família Bennet pertencer à classe média. Austen retrata a posição da mulher casada na fala de Lydia dirigindo-se à irmã mais velha Jane: “Ah, Jane! Eu ocupo seu lugar agora e você deve se rebaixar, porque sou uma mulher casada” (AUSTEN, 2008, p. 187). O Sr. Darcy pede segredo pela atitude e a fez somente por consideração por sua amada Lizzy, irmã de Lydia, que com o coração entristecido pela fuga de sua irmã, havia relatado o fato ao Sr. Darcy.

Outrossim, no desenrolar do romance, há um jantar em família na casa dos Bennet, e nesse encontro de família, Lydia, sem perceber, expõe à irmã Lizzy o segredo do Sr. Darcy. Com efeito, no instante em que Lizzy recebe a notícia, percebe-se o início de uma mudança de olhares para o caráter do Sr. Darcy. Elizabeth Bennet começava a apaixonar-se por ele.

O terceiro enlace do romance, talvez seja um dos que mais emociona o leitor, a união da filha mais velha do casal Bennet, a Srta. Jane Bennet com o Sr. Bingley. Ambos apresentavam características de jovens bem-intencionados, eram bem-educados, meigos, gentis e de grande beleza. Quando se conheceram no baile, ficou evidente a atração do Sr. Bingley por Jane, quando ele diz ao seu melhor amigo, Sr. Darcy, que Jane era a moça de mais pura beleza que havia ali.

Todavia, ela pertencia a uma família de classe social inferior a dele, já o Sr. Bingley era um dos homens solteiros mais ricos da região, fato que causou a desconfiança de seu amigo, Sr. Darcy, de provavelmente ser uma união de puro interesse financeiro, principalmente pelo comportamento ansioso e inadequado da mãe de Jane, Sra. Bennet, quando o assunto era casar suas filhas. Apesar de alguns desencontros do casal, narrados por Austen durante a história, o pedido de casamento acontece.

Depois disso, a narrativa discorre, ironicamente, o estado da Sra. Bennet: “Feliz para todos os seus instintos maternos foi o dia no qual a Sra. Bennet se livrou de duas das suas mais merecedoras filhas” (AUSTEN, 2008, P. 227).

Elizabeth Bennet não disfarça a satisfação de ver a felicidade da irmã diante de um casamento por amor. Jane e Sr. Bingley eram apaixonados um pelo outro. E, assim, como Lizzy negava-se a casar por interesse social, não aceitava que isso acontecesse também com sua irmã mais velha.

Enfim, a união mais esperada pelo leitor, a de Elizabeth Bennet com o Sr. Darcy. Foi na relação, no comportamento e nas atitudes dos dois que Jane Austen surpreendeu e manifestou-se, segundo Kinoshita (2012, p. 184), “com ironia satírica não poupando nem mesmo o herói e a heroína prediletos, ambos julgados e punidos por seus erros”.

Apesar da pressão e dos padrões da sociedade referentes ao casamento, Elizabeth Bennet não seguia as regras sociais que manipulavam a liberdade feminina. Lizzy não concebia a ideia de se casar sem amar o esposo e teve que enfrentar as formalidades de um corpo social em que o matrimônio era mais um instrumento de poder. A personagem apresentava uma imagem inversa da limitação atribuída para a mulher. Passava por um processo de descobrimento interior. Era inteligente, perspicaz, segura, não se intimidava diante das pessoas e, principalmente, era uma mulher de personalidade, opiniões formadas e desejava ter uma vida mais ampla do que apenas se dedicar ao marido.

Além disso, Elizabeth Bennet deixa claro que não se casaria por interesse financeiro, nesse caso, preferiria ficar solteira. A autenticidade de Lizzy provoca em seu pai o reconhecimento de que ela é diferente de suas outras filhas. Ele enxerga nela uma mulher inteligente com qualidades para a leitura, de um olhar além do que as outras irmãs poderiam alcançar. “Nenhuma delas é especialmente dotada. São todas umas tontas e ignorantes como a maioria das raparigas de resto; Lizzy, no entanto, tem uma vivacidade que as irmãs não têm” (AUSTEN, 2008).

Em uma de suas conversas com seu pai, o Sr. Bennet, Elizabeth declara seu amor ao Sr. Darcy: “Eu gosto, eu gosto dele, ‘ela replicou, com lágrimas nos olhos’, eu o amo. De fato, ele não tem orgulho inapropriado. Ele é perfeitamente adorável. Você não sabe quem ele é realmente; então, por favor, não me machuque ao falar dele novamente nesses termos”. (AUSTEN, 2008, p. 222). Ainda na conversa com sua filha, o Sr. Bennet assegura: “conheço como você é, Lizzy. Sei que pode não ser feliz, nem respeitável, a menos que verdadeiramente estime seu marido”. O texto de Jane Austen parece sugerir que o comportamento de Lizzy é transformador e não corresponde ao contexto da sociedade daquele tempo, aos conceitos sociais e políticos que prevaleciam, especificamente para a conduta da mulher sobre o casamento.

Como riqueza e *status* eram a garantia do futuro, era grande a pressão por um bom casamento, mas no romance de Austen, Elizabeth Bennet não queria apenas estabilidade, ela queria um amor. Era um sentimento que muitas mulheres na época, inclusive sua mãe, não podiam se dar ao luxo de vivenciar.

O comportamento da protagonista retrata o início da liberdade da mulher na escolha do seu marido. Lizzy, como era chamada pela família, apresenta sensatez, bom humor, sinceridade e firmeza em seus pontos de vista, principalmente sobre os relacionamentos amorosos. Ela é independente, dona de sua própria vida e, se conseguir encontrar o amor, será graças a sua obstinação, ela descobre algo dentro de si mesma e admite a possibilidade de mudar.

Dessa forma, Jane Austen apresenta a personagem como o retrato da mulher que começa a criar sua própria independência e não depende de um casamento para sobreviver ou para manter sua família. O comportamento de Elizabeth Bennet é inovador e contradiz ao contexto da sociedade daquele tempo, aos valores sociais e políticos que prevaleciam, especificamente no posicionamento da mulher sobre o casamento.

Durante a trama, Austen aponta uma pluralidade de uniões conjugais, todas com conflitos e desfechos semelhantes, e é evidente a figura masculina explicitar seu privilégio econômico e seu *status* social. A frase que inicia o livro representa o quanto o casamento é uma obrigatoriedade e que, mesmo sem querer o homem será convencido a desposar alguma das damas solteiras de seu círculo social. Austen (2008):

É uma verdade universalmente reconhecida que um homem solteiro, possuidor de uma grande fortuna, deve estar em busca de uma esposa. Embora pouco conhecidos talvez sejam os sentimentos ou opiniões de tal homem quando ele adentra, pela primeira vez, em uma vizinhança, essa verdade está tão fixada nas mentes das famílias ao seu redor que ele é considerado a propriedade de direito de alguém ou de uma de suas filhas (AUSTEN, 2008, p. 5).

Todavia, esse poder masculino foi menosprezado por Lizzy quando comete um ato impensável no seu tempo: demonstra sua opinião própria recusando dois pedidos de casamento, de Collins e de Darcy, ainda que ambos tenham enfatizado as vantagens econômicas que o matrimônio acarretaria. Elizabeth Bennet teve coragem de dizer não ao Sr. Darcy, um homem que todas as mulheres da Inglaterra adorariam ter como marido, mas ela jamais se casaria por conveniência. Lizzy casa com o Sr. Darcy, mas casa por amor, um grande amor, uma grande paixão avassaladora e incontrolada que toma conta do seu coração. Já Charlotte Lucas, sua melhor amiga, bem como as irmãs de Elizabeth, Lydia Bennet e Kitty Bennet, consideravam que a felicidade no casamento era uma questão de sorte e não de atitude. Segundo Martin-Fugier (1991):

Esses casamentos por conveniência não significavam uma negação dos sentimentos. De um lado, a pessoa podia se dar muito bem com um cônjuge sugerido pela família ou amigos. De outro lado, se um rapaz e uma moça se apaixonassem, os pais não afastavam a priori a possibilidade de uma união. Tiravam informações sobre a pessoa, indagavam sobre sua respeitabilidade, suas rendas, suas opiniões. Pois a linha política ou religiosa também era levada em consideração (MARTIN-FUGIER, 1991, p. 237).

Portanto, a convenção tradicional para um possível casamento na época em que Austen escreve o romance, era o cenário de que as moças da classe burguesa não falavam com os homens sem que antes fossem apresentadas. Cada família apresentava sua filha mais velha e, apenas quando essa se casasse, a filha seguinte seria apresentada. A visão construída pela burguesia do século XIX a respeito do casamento ideal impunha ao casal a união que se mantinha pelas aparências e, muitas vezes, apenas fingia que se amava. As influências que a literatura sofreu diante de tal conceito foi apontada por Lázaro (1996, p. 155): “amor e casamento é o tema privilegiado dessa literatura, onde se prescrevem modelos e dramatizam conflitos intermináveis que, no espaço da privacidade burguesa, fazem vibrar os amantes e seus leitores”.

Desse modo, a atitude contestadora de Lizzy em recusar duas propostas de casamento, sinaliza as mudanças que viriam com relação ao papel da mulher no seu círculo de convivência e na instituição do casamento, não somente na Inglaterra, mas em todo o mundo nos séculos XX e XXI. Começava, portanto, uma quebra de tabus no universo feminino, a felicidade no matrimônio não seria forjada por convenção, tradição ou dinheiro. A personagem é um exemplo paradigmático de heroína que dá um grito de liberdade e poder às mulheres, quebrando barreiras sociais e se opondo ao que seria ideal para a figura feminina.

Portanto, vale ressaltar que a obra de Jane Austen representa na contemporaneidade uma relevância no aspecto e no olhar feminista. De acordo com Candido (1972), o leitor atual ao inteirar-se do contexto e do conteúdo da trama de Austen, pode atualizar os conflitos vivenciados pela personagem Elizabeth Bennet, entre outras, e assim a literatura cumpre sua função *humanizadora*.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros perdem e ótimos livros permanecem. No caso de *Orgulho e Preconceito*, levando-se em conta o contexto social e histórico, a influência da burguesia, os valores e costumes da sociedade da época, principalmente no universo feminino, sem sofrer grandes represálias de censura, Austen foi ousada e destemida em elaborar o enredo do livro.

A autora escreveu sobre o casamento, a única opção para as mulheres naquela época, retratou e questionou as relações sociais, o amor e o casamento. Sua ousadia foi transposta por meio da personagem Elizabeth Bennet que fugia de todos os conceitos e tradições do modelo de mulher para aquela época, principalmente enfatizando ser uma mulher de opiniões próprias, que não era submissa aos padrões políticos e sociais do século.

Mesmo tendo sido escrito há muito tempo, o livro continua conquistando seus leitores porque carrega em si construções sobre o caráter humano, sobre o feminino e sobre as relações de poder marcadas pelo contexto sócio-cultural dos séculos XVIII e XIX. Segundo Kinoshita (2012, p. 185-186), “Jane Austen expõe as fraquezas, vícios e misérias da natureza humana e sutilmente satiriza a sociedade, desconstruindo ilusões sociais a partir de relacionamentos regidos por questões financeiras e pelo domínio patriarcal”. Enfim, as obras de Jane Austen, além de serem lidas, devem conduzir à reflexão, pois a escrita literária foi uma forma que muitas autoras encontraram para manifestar seus mais íntimos dissabores e desejos de mulheres que estavam acima de qualquer circunstância, opressão ou julgamentos da sociedade a respeito da conduta da mulher diante do casamento.

Para dar continuidade às revelações da autora através de inúmeros aspectos sociais e culturais da época, espera-se que essa pesquisa possa contribuir com estudos futuros, levantando outras hipóteses dentro do contexto histórico, político e social do século XIX. Especificamente, pelo estudo e pela investigação dos comportamentos e valores da mulher daquele tempo, outros aspectos dos relacionamentos construídos pela ausência e pela presença do amor podem ser percebidos, nesta e em outras obras de Jane Austen. Afinal,

estudar sobre o amor, bem como praticá-lo, é como estudar e aprender sobre a vida e acreditar que “ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine. O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”. I Cor. 13:1;7.

## Lizzy Bennet's love marriage: the heroine who opposed to the dominant ideology

### ABSTRACT

Within the English literary and historical perspective of the late eighteenth and early nineteenth century, this work aims at analyzing the importance of marriage, specifically highlighting the role of women in the contextualized English society of that time. The corpus selected for this research was the book written by Jane Austen, published in 1813, *Pride and Prejudice*, which brings in its plot four successful marriages, both loving and convenient. By means of the theoretical basis and the analysis of Austen's novel, this work focuses on showing how important it was, in a society of established opinions concerning the family institution, to land a good marriage for a woman. And at that time, financial stability, social status and guarantee of moral respect, besides representing a way to avoid scandal if a husband could not be met. However, in the novel, watching the signs of protagonist Elizabeth Bennet, the author shows that not every woman followed the traditions imposed by society. Elizabeth Bennet was a woman ahead of her time, like Jane Austen that reveals in its written an orchestra looks prospects and frustrations not very different from what we find today in the XXI century.

**KEYWORDS:** Marriage. English Literature. Feminism critic. Jane Austen. *Pride and Prejudice*.



---

## REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Orgulho e Preconceito**. Tradução de Marcella Furtado. São Paulo: Landmark, 2008.

BRIGGS, Asa. **História Social de Inglaterra**. Tradução de Eduardo Nogueira. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, 1972.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero** 5.2, 2013.

KINOSHITA, Priscila Maria Menna Gonçalves. **Do século XVIII ao século XXI**. “Why Jane (Austen), Why now?” 2012. 200f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Campos de Andrade, Curitiba, 2012.

LÁZARO, André. **Amor: Do mito ao mercado**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996. 232p.

PERROT, Michelle; MARTIN-FUGIER, Anne. Os atores. In: PERROT, Michelle (org.). **História da Vida Privada** – Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v.4, p. 89-286.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org). **Teoria Literária**. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005. p. 19-29.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org). **Teoria Literária**. Abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2005. p. 181-203.

**Recebido:** 21 out. 2015

**Aprovado:** 20 nov. 2017

**DOI:** 10.3895/rl.v19n27.3256

**Como citar:** SILVA, Magda Solange da. O casamento por amor de Lizzy Bennet: A heroína que se opôs a ideologia dominante. *R. Letras*, Curitiba, v. 12, n. 24, p. 1-10, jan./jul. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.utfr.edu.br/rl/>>. Acesso em: XXX.

**Direito autorial:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

